

APOSENTADORIA, LAZER E TRABALHO: distintas concepções a partir da trajetória de vida de velho(a)s

Ms. Ângela Roberta Lucas Leite¹

Dra. Maria do Socorro Sousa de Araújo²

Dra. Marli Alcântara Ferreira Moraes³

RESUMO: Objetivamos analisar os significados produzidos por velhas(os) aposentadas(os) do serviço público estadual do Maranhão sobre trabalho e lazer. Para identificação dessas concepções e possíveis articulações entre si a partir da aposentadoria, utilizamos as contribuições de Bourdieu a respeito da concepção de habitus, visando analisar as trajetórias de vida dos pesquisados. A pesquisa constituiu-se numa abordagem qualitativa, com uso de técnicas de revisão bibliográfica, entrevistas e observação direta. Como resultados, identificamos que as categorias lazer, trabalho e velhice não agem isoladamente, complementam-se, produzindo significados que admitem uma relação ora próxima, ora distante, conforme a trajetória de vida de cada um.

Palavras-chave: Lazer. Trabalho. Aposentadoria. Velhice.

ABSTRACT: We aimed analyze the meanings produced by men and women old, retirees the state public service of Maranhão about work and leisure. To identify these concepts and possible links among themselves from retirement, we use Bourdieu's contributions regarding the design of habitus in order to analyze the life trajectories of respondents. The research was constituted a qualitative approach, using techniques of literature review, interviews and direct observation. As a result, we identified that category leisure, work and old age do not act in isolation, complement, producing meanings that supports a sometimes close relationship, sometimes distant, according the life story of each.

Keywords: Leisure. Job. Retirement. Old age.

1 INTRODUÇÃO

¹ Hoteleira. Mestre em Políticas Públicas. Tutora do Curso de Especialização Educação Pobreza e Desigualdade Social (UFMA). E-mail: angelarobertalucas@gmail.com.

² Assistente Social. Doutora em Políticas Públicas. Professora Associado I, lotada no Departamento de Serviço Social com exercício no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas/PGPP/UFMA; e no curso de graduação em Serviço Social/UFMA. E-mail: contato.socorro@gmail.com

³ Assistente Social. Doutora em Políticas Públicas. Professora Adjunta III do Departamento de Serviço Social - UFMA, Coordenadora do Grupo de Pesquisas e Estudos sobre Tempo, Trabalho, Identidade e Serviço Social - GPETISS e Coordenadora do Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social. E-mail: marli.afm@ufma.br

Trabalho e lazer apresentam significados que se modificam ao longo da história da humanidade. Em determinadas sociedades marcadas fortemente pela divisão social do trabalho, as pessoas, em suas trajetórias de vida, vinculam sua vida ao trabalho, sendo que o lazer, por sua vez, muitas vezes é visto como algo contrário ao trabalho, assumindo um papel secundarizado diante das obrigações profissionais e rotineiras. No presente artigo, buscamos analisar as distintas concepções de trabalho e lazer acionadas por velhas e velhos aposentados participantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI), em São Luís –MA, levando em consideração as trajetórias de vida dessas(es) velhas(os) e suas condições de aposentadas (os). Desta forma, a concepção de aposentadoria é pensada e articulada com as concepções de trabalho e lazer na velhice.

Contudo cabe salientar que a concepção de velhice é determinada por diversos critérios classificatórios de ser velho, ou seja, o que faz um sujeito ser considerado velho, são as várias interpretações associadas à velhice. É nesse sentido, que procuramos fundamentar nossa posição a respeito da utilização das categorias velhice e velho. Para nós, a concepção de velha e velho adotada nesta pesquisa não remete simplesmente a causa do envelhecimento humano, mas por apresentar o seu valor associado às imagens de velhice, ou seja, o que definirá a condição de ser velha e velho, são os critérios acionados para definir a velhice. A nossa opção está, portanto, pautada na perspectiva de construção de uma prática de organização que possibilite às velhas e velhos assumirem uma nova identidade política, rompendo com os estigmas usualmente a eles atribuídos.

A reflexão sobre as concepções de trabalho e lazer, a partir da condição de aposentados dos pesquisados, justifica-se pela necessidade de compreender como se deu o processo de transição (ou não) do ‘trabalhador ativo’ para a posição de aposentado, levando em conta suas trajetórias de vida e concepções atribuídas as categorias trabalho (quando o velho, mesmo aposentado continua a trabalhar na formalidade ou não) e lazer (quando dedica a maioria do seu tempo livre para atividades voltadas ao lazer).

A associação entre velhice e aposentadoria, como uma fase final da vida, vem sendo contestada em nossa sociedade. A imagem do velho como sendo uma pessoa improdutiva, vem perdendo espaço no imaginário social, o que denota que nem todos aposentados são velhos e nem toda a velhice é aposentada. Simões (2004, p. 8) enfatiza que a representação de ‘velhice ativa’ e ‘aposentados ativos’ no Brasil tem favorecido para “desconstruir a representação dos mais velhos como um encargo para a família e para a sociedade”. Conforme o autor, o aposentado não se livra da competência de continuar a manter o sustento de sua família, pelo contrário, tende a aumentar em virtude dos gastos com remédios, planos de saúde ou no auxílio financeiros aos filhos e netos (SIMÕES, 2004).

A partir dessas exposições, a associação entre aposentadoria, lazer e trabalho na velhice vem assumindo novos contornos, o que nos permite, enquanto pesquisadoras, questionarmos quais concepções de trabalho e lazer são acionadas pelos aposentados.

Para identificação das concepções sobre trabalho e lazer e as possíveis articulações entre elas a partir da aposentadoria entre velhos e velhas, utilizamos como referencial teórico as contribuições de Bourdieu (2013) a respeito da concepção de *habitus*⁴, visando identificar e compreender a articulação entre aposentadoria, lazer e trabalho através de falas, gestos, atitudes, escolhas, comportamentos e estilos de vida que são adotados pelos entrevistados em suas trajetórias de vida.

A pesquisa constituiu-se numa abordagem qualitativa, com utilização das técnicas de revisão bibliográfica acerca das categorias velhice, aposentadoria, lazer e trabalho, entrevistas semiestruturadas e observação direta.

Realizamos entrevistas com 14 pessoas, sendo cinco homens e nove mulheres, a sua maioria com idade entre 70 e 79 anos, com formação superior, solteiros, que vivem com a renda de um salário-mínimo. Todos os entrevistados são pessoas aposentadas oriundas da Administração Pública do Estado do Maranhão e frequentam o Programa de Ação Integrada ao Aposentado-PAI, em São Luis, entre 1 à 5 anos interruptos.

A definição do número de sujeitos entrevistados deu-se pela saturação qualitativa, ou seja, pela repetição dos dados, quando as informações obtidas estavam confirmadas o suficiente e a inclusão de novas não inferiam nova contribuição para a pesquisa (GIL, 2002).

Para preservação da identidade da(o)s entrevistada(o)s, associamos seus nomes à nome de estrelas (astros que possuem luz e brilho próprios). A analogia proposta remete o brilho e esplendor de uma estrela à energia e à força existencial que emanam dos velhos e velhas integrantes do PAI, isto significa dizer que, brilho estaria relacionado à sua condição de ser velho ou velha, numa tentativa de ruptura com os estigmas e estereótipos comumente relacionados à condição de ser velho(a).

Utilizamos ainda como técnica de coleta de dados, a observação direta, no período de agosto de 2015 à dezembro de 2015, realizada durante momentos em os velhos praticavam às atividades oferecidas no âmbito do PAI, quais sejam: aulas de hidroginástica, alongamento, oficina da memória, aula de dança, canto coral, futsal e aeróbica.

⁴ A respeito do *habitus*, Bourdieu (2013, p. 87) o concebe como: "Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los".

Após a classificação dos dados, analisamos os depoimentos dos entrevistados, evidenciando suas falas a fim de delinear quais significados são produzidos a respeito das distintas relações entre aposentadoria, lazer e trabalho.

2 APOSENTADORIA, LAZER E TRABALHO NA VELHICE: relações e significados

Conforme enfatiza Gomes (2008) o significado de lazer como oposição ao trabalho produtivo vem sendo disseminado na sociedade atual. Frequentemente, o que é produzido no senso comum sobre lazer é um tempo de não trabalho, de recuperação das energias e de descanso do trabalho. Dessa forma, a diversão e o entretenimento seriam necessários para manter a preservação das condições de trabalho.

A divisão do tempo na atualidade ocorre em função da própria organização do trabalho. O trabalho passa a ser a centralidade da vida humana, onde o modo de produção gerado pela força de trabalho do homem reproduz seus modos de vida nas esferas política, social e espiritual. Marx (1985) revela que as relações sociais eram determinadas pela produção social, ou seja, pelas forças produtivas e as relações de produção⁵. A forma como estas eram reproduzidas, Marx denominou de modo de produção⁶.

Essa visão, procedente do Período Industrial, tornou-se símbolo de disputas entre as classes, gerando assim relações de exploração e dominação. Marx (1985) destaca que a economia fundamenta-se na força de trabalho, cujo seu valor, de mercadoria, é determinado pela quantidade de trabalho materializado em seu valor-de-uso, pelo tempo de trabalho socialmente necessário a sua produção. Assim, “a própria quantidade de trabalho é medida pelo seu tempo de duração, e o tempo de trabalho possui, por sua vez, sua unidade de medida nas determinadas frações do tempo, como hora, dia etc (MARX, 1985, p. 168).

Nesse sentido, o tempo representa um medidor de produção de trabalho, uma mercadoria de troca cujo “valor da força de trabalho, isto é, o tempo de trabalho exigido para produzi-la, determina o tempo de trabalho necessário para reprodução de seu valor” (MARX, 1985, p. 430).

É nesta perspectiva, que o tempo de lazer pressupõe o tempo de trabalho, e somente pode ser considerado livre se pressupor como finalidade as obrigações relativas ao trabalho. Nas argumentações de Dumazedier (1979), a atividade de lazer possui uma fração

⁵ O termo forças produtivas, segundo Marx (1985), é utilizado para designar as condições materiais de toda a produção, ou seja, tudo que é usado para a produção. Já as relações de produção se referem mais à maneira como os homens se organizam para conseguir executar de forma eficaz a atividade produtiva. Isso envolve às maneiras como são apropriados e distribuídos os elementos envolvidos no processo de trabalho.

⁶ Cada modo de produção representa passos sucessivos no desenvolvimento da propriedade privada e do advento da exploração do homem pelo homem. Adquirindo novas forças produtivas, os homens modificam o seu modo de produção, a maneira de ganhar a vida, modificam todas as relações sociais (MARX, 1985).

considerável dentro do tempo livre, colocando-a como um pressuposto do trabalho, ou seja, as atividades de lazer acontecem na realidade em um tempo liberado do trabalho.

Assim, o trabalho adquire centralidade na vida pessoal e nas relações sociais, sendo que em muitas sociedades quando as relações de trabalho são interrompidas pela aposentadoria, o indivíduo se vê diante de perdas não apenas financeira e social, mas também psíquica e pessoal.

O afastamento do trabalho ocasionado pela aposentadoria pode representar, desde um sentimento de perda, de início da velhice e de aproximação da finitude, até uma nova fase da vida, na qual as atividades de lazer são consideradas centrais pelo velho que se aposenta (SANTOS, 1990).

Desta maneira, ao falar em aposentadoria, não podemos deixar de associá-la às mudanças de habitus (real e concreta) na vida do indivíduo velho, principalmente quando há ruptura com o mundo do trabalho e aproximações com o mundo do lazer. Segundo Zanelli, Silva e Soares (2010), a aposentadoria, nesta perspectiva, pode assumir várias interpretações, a depender das implicações que envolvem as interações das pessoas em seus contextos socioculturais. Assim, para alguns, a aposentadoria assume o significado de descanso, liberação de atividades rotineiras e desgastantes; e para outros, pode significar a perda do próprio sentido da vida, um tempo de vazio e de redução da capacidade produtiva (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Santos (1990) corrobora a ideia de que a aposentadoria não é vivenciada de forma análoga por todos os aposentados e nos atenta para a necessidade de compreendê-la a partir de aspectos sociais, econômicos, culturais e profissionais que constituem a história de vida desses sujeitos, já que reflete, na sua identidade pessoal, e, conseqüentemente, incide no processo de aposentadoria (SANTOS, 1990). Desta maneira, a trajetória do trabalho e as relações socioprofissionais e culturais tendem a fazer parte do processo de construção da aposentadoria e nas escolhas futuras nesta fase da vida.

Deste modo, ao relacionarmos aposentadoria às dimensões velhice, lazer e trabalho, surgem interpretações distintas e complexas. A aposentadoria como sinônimo de velhice pode representar desvalorização, improdutividade, incapacidade e inatividade. Além disso, quando ligada ao termo inatividade, a aposentadoria pode conceber a ideia de atestado oficial da velhice e de aproximação com a finitude (SANTOS, 1990). Quando associada ao lazer e ao afastamento do trabalho, a aposentadoria pode assumir duas vertentes: a depender da posição que o indivíduo ocupa (ocupou) no sistema modo de produção; e da forma que vivenciou o mundo do trabalho e do lazer durante sua trajetória de vida.

Ao direcionar grande parte do seu tempo ao lazer, os (a)s velho(a)s, ao se aposentarem, tendem a aproveitar atividades que lhe traga prazer e satisfação. A maior

disponibilidade de tempo na aposentadoria possibilita que o indivíduo desfrute de lazer ou realize atividades que durante longo tempo foram procrastinadas (KALACHE; VERAS; RAMOS, 1987). Segundo Kalache, Veras e Ramos (1987), a aposentadoria propicia ao sujeito tempo livre ou desocupado das obrigações profissionais, oportunizando assim o desenvolvimento de novas atividades e a concretização de velhos sonhos.

Para alguns dos velhos que se aposentam, o lazer transforma-se em benefícios para a promoção da sua saúde e melhoria na qualidade de vida, cuja busca por atividades que lhes tragam prazer, interação com outros velhos e pessoas de outras faixas etárias, os levam não apenas à independência física e emocional, mas à superação de doenças que podem ser adquiridas pelo processo de envelhecimento.

Contudo, ao observarmos a realidade brasileira, verificamos que muito dos (as) velho(a)s aposentado(a)s ou pensionistas “nem sempre têm uma vida que pode ser considerada como um reino de tempo livre e do não-trabalho” (MELO, 2003, p. 61). Neste caso, o tempo livre muitas vezes é substituído pelas obrigações domésticas ou por trabalhos informais, sem falar que muitos velhos retornam ao mercado formal de trabalho. Segundo Camarano e Pasinato (2004), os velhos, que se aposentam do Brasil, têm papel de destaque na estrutura familiar, principalmente nas famílias mais pobres, sendo que a renda deles é uma fonte importante (se não a única) de provento familiar, pois consoante os autores:

As consequências perniciosas dos períodos cíclicos de crise econômica enfrentados pela população brasileira — concentração de renda, aumento do desemprego, expansão da pobreza, drogas, instabilidade das relações afetivas, violência — têm levado um número crescente de filhos adultos a se tornar, de alguma maneira, dependente dos recursos de seus pais idosos (CAMARANO; PASINATO, 2004, p.19).

Ainda, há situações em que a renda advinda da aposentadoria não cobre as necessidades de manutenção desta família, já que o valor correspondente à aposentadoria é inferior ao que se cogita ao salário dos trabalhadores ativos. Dessa forma, a ocupação informal vem garantindo a sobrevivência de uma parcela relevante da população velha, ainda que já aposentada.

Em face ao exposto, acreditamos que classificar e definir a aposentadoria na velhice é uma tarefa complexa, pois entendemos que envelhecer não é um processo idêntico para todos, ou seja, a velhice é uma condição heterogênea, o que torna o processo de envelhecimento, o envelhecer, diferente para cada indivíduo. Nesse sentido, dependendo do conceito de aposentadoria que o velho ou velha assume, ele se posiciona também com relação às categorias trabalho e lazer. Conforme as estruturas sociais mudam e estruturam o habitus das pessoas velhas aposentadas, conseqüentemente, suas concepções a respeito de trabalho e lazer também se transformam. Logo, as práticas sociais, respaldadas no

habitus, são capazes de criar e recriar significados, configurando novas formas de estilo de vida e de sociabilidade. Por isso, falar em aposentadoria, lazer e trabalho requer o entendimento de como os aposentados entrevistados veem e percebem o mundo e como concebem os significados dessas categorias.

Nas entrevistas realizadas com os aposentados identificamos que a aposentadoria, quando relacionada as concepções de trabalho e lazer, pode expressar tanto aspectos negativos (como sentimento de perda de papéis sociais e profissionais, de início da velhice e de aproximação da finitude), quanto aspectos positivos (como nova fase da vida, na qual as atividades de lazer tornam-se centrais pelo velho aposentado e ocupam um lugar importante em sua vida e no uso do seu tempo) (SANTOS, 1990).

No depoimento do Sr. *Antares*⁷ observamos que a interrupção das atividades exercidas durante anos com a chegada da aposentadoria não foi considerada uma conquista e sim uma perda, consoante ressalta:

"Me obrigaram a aposentar. Perdi muito do meu salário. A idade chegou e o tempo de trabalho ficou para trás. Eu não ganhava mal, mas dava pra viver". (Sr. Antares).

Esse depoimento expõe a aposentadoria como uma fase de mudanças de habitus (real e concreta), principalmente quando há ruptura com o mundo do trabalho de forma negativa. Segundo Santos (1990), ao assumir o papel social de aposentado, o velho pode se deparar com sentimentos negativos como solidão, angústia, tristeza, desespero, dentre outros. Quando o trabalho assume centralidade na vida dos trabalhadores, ele se torna uma referência social, não apenas por subsidiar as condições financeiras, mas por ser um denominador de motivação, autorrealização e autoestima do trabalhador (SANTOS, 1990). Quando acontece a ruptura com o mundo do trabalho, a aposentadoria pode significar a perda do próprio sentido da vida, um tempo de vazio e de redução da capacidade produtiva (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

A decepção do Sr. *Antares* com o evento da aposentadoria e a visão negativa criada sob ela, é oriunda principalmente da perda de poder aquisitivo devido à redução do seu salário. Geralmente quem se aposenta sente um impacto negativo causado pela redução do salário e essa diminuição na renda impacta, muitas vezes, na qualidade de vida do aposentado e na sua autoestima.

Contudo, vale ressaltar a aposentadoria pode se tornar uma fase prazerosa da vida, marcada por realizações pessoais que durante muito tempo foram procrastinadas por causa da vida laboral e não puderam ser concretizadas. A Sra. *Aldebaran*⁸ expôs em sua entrevista que dedicou sua vida ao trabalho e que não tinha tempo para o lazer. Agora que

⁷ O sr. *Antares* tem 71 anos, solteiro, não possui filhos, mora com dois amigos. Estudou até o ensino médio, trabalhava como auxiliar de serviços gerais e atualmente vive com uma renda mensal de 1 salário mínimo.

⁸ A sra. *Aldebaran* tem 69 anos, casada, dois filhos, mora com esposo. Formada em letras, trabalhava como professora e atualmente vive com uma renda de 10 salários mínimos.

já está aposentada, aproveita o que não pôde usufruir quando mais jovem, conforme relata no depoimento a seguir:

“Eu trabalhei muito na minha vida e quando era jovem não podia ter lazer. Essa é que é a verdade! Ai trabalhava de manhã, de tarde e de noite, cuidava de filho, tomava conta de casa. Agora eu estou descontando o velho e o novo”. (Sra. Aldebaran).

Assim, a aposentadoria na velhice, pode ser associada à imagem de uma fase ativa e bem-sucedida, dedicada à prática de atividades físicas e de lazer ou até mesmo um momento de maturação profissional e de reingresso no mercado de trabalho.

Desta forma, ao aproximar lazer e aposentadoria, percebemos que o lazer assume a concepção de um tempo dedicado para si, como um momento de vivenciar uma atividade prazerosa, que até então não poderiam ser realizadas por conta das atividades profissionais. A obrigação do trabalho, por sua vez, impossibilitou a entrevistada de ter alguns momentos de lazer durante sua vida. Na percepção de Marcellino (2006), o tempo de trabalho absorvido durante a Revolução Industrial, no século XIX, remete a certa obrigação, o que afasta a possibilidade de se ter prazer e satisfação pessoal em realizar sua jornada de trabalho. Conseqüentemente, a felicidade e o bem-estar pessoal estariam resumidos em pequenos momentos longe do trabalho, em instantes de lazer. Lazzareschi (2009, p. 147) pondera muito bem a distinção que a grande maioria dos trabalhadores faz sobre o tempo de lazer e o tempo de trabalho, como sendo

Dois momentos paralelos, por viver o trabalho como verdadeiro fardo, castigo, punição, desde a consolidação do modo de produção capitalista, dadas as condições nas quais se organiza e se realiza e por viver o tempo livre como tempo de libertação das agruras do trabalho, tempo para dedicar-se à atividade de livre escolha e altamente prazerosas.

O lazer, ao ser vivenciado em sua plenitude, direciona as pessoas a utilizarem seu tempo livre em busca de atividades ligadas à cultura, à interação social e ao desenvolvimento e aperfeiçoamento pessoal. A mudança de habitus com o evento da aposentadoria é vista de forma positiva pela entrevistada, pois redimensiona o tempo livre que possui para as atividades consideradas de lazer. A informante ainda fala de sua rotina, explicitando o que comumente faz de lazer, consoante destaca:

“Gosto de ir ao shopping, ir no cinema, teatro, gosto de música clássica e popular brasileira. Fora os afazeres de casa, eu saio com as amigas, tomamos chá”. (Sra. Aldebaran).

A visão do trabalho, como um tempo de produção e reprodução, perde seu espaço para um lazer emancipatório, ligado às atividades culturais e ao desenvolvimento pessoal. Consoante Santos (1990), o lazer na vida dos aposentados pode ser vivenciado de forma mais concreta, pois para alguns, suas atividades laborais foram suspensas com a aposentadoria. É nesta fase da vida que as atividades de lazer podem ser consideradas centrais para a maioria do aposentado e ocupam um papel importante na vida, na questão

de preenchimento do tempo e espaço deixados pelo afastamento do trabalho (SANTOS, 1990).

Todavia, nem todo aposentado desfruta seu tempo livre para o lazer. Muitas vezes, esse tempo é substituído por obrigações domésticas, trabalhos informais ou por uma nova profissão. Nas entrevistas, observamos que mesmo aposentadas, algumas pessoas ainda trabalhavam, o que pode advir em razão da baixa renda articulada ao habitus adquirido em suas trajetórias de vida. A Sra. *Sirius*, 79 anos, estudou até a quarta série do ensino fundamental, teve 11 filhos e vive atualmente com uma renda de um salário mínimo advinda da aposentadoria. Ela descreve que não consegue sobreviver com o salário que recebe da aposentadoria e por isso, faz bonecos e tapetes para vender, sendo uma forma de complementar a sua renda. Diariamente, antes e depois de suas atividades no PAI, a Sra. *Sirius* passa pelas salas dos funcionários e de alunos oferecendo seus produtos.

Há situações em que a renda da aposentadoria não garante a subsistência dos velhos. Na estrutura familiar, principalmente as mais pobres, a renda dos velhos é a fonte principal de provento, ou senão a única (CAMARANO; PASINATO, 2004). Desta forma, o aposentado não se isenta de continuar a sustentar sua família, pelo contrário, suas despesas tendem a aumentar cada vez mais, com os gastos de medicamentos e tratamentos com saúde, e auxílio financeiro dos filhos e netos (SIMÕES, 2004).

A presença do velho no mercado de trabalho continua sendo marcante na conjuntura da economia do nosso país, onde o mesmo é 'motivado' a buscar novas atividades de complementação, ou até mesmo postergar a sua aposentadoria (CAMARANO; PASINATO, 2004).

O Sr. *Spica*⁹ conta que continuou a trabalhar mesmo depois de aposentado, como instrutor de trânsito e palestrante.

"Tenho alunos que dou treinamento para dirigir e faço palestras para idosos a respeito de trânsito". (Sr. Spica).

Diante do exposto, observamos que as atividades profissionais, continuam presente na vida do Sr. *Spica*. A aposentadoria, nesse caso, deixa de ser um tempo livre e de lazer e passa a ser um tempo ocupado pela (re)produção do trabalho. A continuidade no mundo do trabalho não significa apenas um modo de garantir a sobrevivência ou complementar a renda da família; envolve sentimentos de prazer e satisfação de continuar a trabalhar. É nesse caso, que podemos inferir que o trabalho desenvolvido pelo entrevistado pode ser caracterizado como uma forma de lazer, à medida que as atividades desenvolvidas possibilitem o contato com os componentes de satisfação pessoal.

⁹ Sr. *Spica* tem 65 anos, solteiro, 5 filhos, mora com a namorada. Formado em engenharia, trabalhava complementar... e atualmente vive com uma renda de 3 salários mínimos, a incluir as atividades informais.

Em sua obra, Gutierrez (2001, p.13) centra o entendimento do lazer na busca incessante pelo prazer pessoal, sendo enfático ao dizer que “não existe lazer sem a expectativa de realizar alguma forma de prazer”, pois o prazer é uma categoria fundamental, capaz de garantir especificidade ao lazer e distingui-lo das demais atividades sociais. A colocação de Gutierrez (2001, p.07) a respeito da definição do lazer a partir da busca pelo prazer, permite compreender que “o lazer não pressupõe necessariamente a consumação do lazer. Seu compromisso é com a busca do prazer, com a luta por uma sensação de prazer que pode, ou não, vir a ocorrer”.

Desse modo, acreditamos sim, na relação existente entre trabalho e lazer, onde trabalho pode ser considerado uma forma de lazer. À medida que um sujeito escolhe uma determinada atividade de lazer para contemplar, suas atitudes estão dotadas de cargas afetivas, cognitivas e comportamentais, o que reflete naquilo que ele pensa, sente e tem a intenção de fazer com relação à atividade escolhida. Assim, o aspecto atitude, no lazer, caracteriza-se pela relação entre o sujeito e a experiência vivida na atividade, considerando as especificidades como a possibilidade de escolher, dentre vários motivos, a atividade que vai de encontro aos seus interesses e a satisfação provocada por esta atividade.

3 CONCLUSÃO

Nos depoimentos extraídos das entrevistas, verificamos que a associação entre trabalho e lazer acionadas por velhos e velhas aposentados não agem isoladamente, complementam-se, produzindo significados que admitem uma relação ora próxima, ora distante, conforme a trajetória de vida de cada entrevistado.

A relação antagônica entre trabalho e lazer, ou melhor, tempo de trabalho e tempo livre, emergiu nas sociedades urbanas industriais. Desse modo, o lazer passa a ser pensado em oposição ao trabalho, uma alternativa ou uma decorrência do tempo de trabalho, ou seja, o lazer de uns é o trabalho de outros.

As concepções de trabalho e lazer tornam-se expressões da posição que velhos e velhas ocupam (ou ocuparam) nas classes sociais e do modo como vivenciam sua aposentadoria. Suas condições objetivas de vida, advinda da renda adquirida com o trabalho é fator determinante para lhe propiciar ou não condições de aposentadoria e de novas formas de vivenciar ou não o lazer. Assim, a depender da renda adquirida com a aposentadoria alguns velhos dispõem de condições de parar de realizar atividades laborais remuneradas e podem vivenciar outras formas de ocupação do seu tempo.

Em outros casos, a aposentadoria formal não significa o afastamento com o mundo do trabalho. Pelo contrário, em certos casos, a renda advinda da aposentadoria não cobre as necessidades de manutenção do aposentado e sua família, já que o valor

correspondente à aposentadoria é inferior ao que se cogita. Diante da necessidade de complementar a renda familiar, os aposentados enveredam pela informalidade.

E ainda há situações em que os aposentados mesmo tendo condições financeiras de garantir o provento familiar através da aposentadoria, não o faz porque considera o trabalho como uma atividade de lazer, não associando, portanto, diferenças entre o tempo do trabalho e o tempo do lazer.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. *In*: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. Disponível em: <http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Arq_29_Livro_Completo.pdf>. Acesso em: 22.02.2015.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas**. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GUTIERREZ, Gustavo Luís. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

KALACHE, Alexandre; VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz Roberto. **O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo**. *In*: Rev. Saúde públ., São Paulo, 1987. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0188.pdf>. Acesso em: 21.09.2015.

LAZZARESCHI, Noemia. **Sociologia do trabalho**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MARX, KARL. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas). Disponível em: <<http://averdade.org.br/novo/Karl%20Marx%20-%20O%20Capital%20%28Economistas%29.pdf>>. Acesso em: 08.05.2015.

MELO, Victor Andrade de. **Lazer e Minorias Sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SIMÕES, Júlio de Assis. Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. *In*: PEIXOTO, Clarice; CLAVAIOLLE, Françoise (Orgs.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**: construção de projetos para o pós-carreira. Porto Alegre: Artmed, 2010.